

DESASTRE SOCIOAMBIENTAL DE 2011 EM TERESÓPOLIS: LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER

SOCIO-ENVIRONMENTAL DISASTER IN TERESÓPOLIS (2011): REMEMBER SO AS NOT TO FORGET

Regina Carmela, Isis Lopes de Brito

RESUMO

A produção científica sobre a psicologia dos desastres tem aumentado a cada ano à medida em que sucessivos eventos climáticos extremos têm se avolumado em decorrência do aumento da degradação ambiental e das vulnerabilidades sociais. O tema é desafiador para o estudo da Psicologia marcada por uma “Era Moderna”, ou seja, a “Era das Catástrofes” em que os conflitos globais, genocídios, limpezas étnicas, desastres climáticos, tecnológicos e cataclismos afetam aos que vivem *in loco* e aos que vivem no tecido social e ambiental (humanos e não humanos) em geral (Braga et al., 2018). Entendendo as questões da vulnerabilidade e da resiliência (Revet, 2011), das recordações e compartilhamentos de experiências como processos comunitários produzidos nas relações sociais ao longo do tempo, o presente trabalho tem por objetivo conhecer os impactos emocionais sofridos por moradores da cidade de Teresópolis que em janeiro de 2011 vivenciaram a “Tragédia” e que à época eram crianças e adolescentes (7 a 18 anos) e que atualmente são jovens/adultos com idade entre 18 e 30 anos. O Grupo de Estudos em Psicologias, Políticas Públicas e Assistência (GRUPPA), realizou a roda de conversa “Lembrar para não esquecer”, como parte do processo da pesquisa em andamento intitulada “Constituição do sujeito frente à tragédia das chuvas em Teresópolis: um estudo sobre a Psicologia em Emergências e desastres” - PICPq 2022/2023. Ao promover espaço de troca, escuta e relatos de experiência sobre a tragédia de 2011 em Teresópolis, nota-se que o tema ainda se mostra como um desafio para este campo de pesquisa, pois o processo de reconstrução e construção de apoio às pessoas e comunidades ainda requer intervenções e estudos que possam contribuir para a saúde e bem-estar dos afetados e do tecido social.

Palavras-chave: psicologia das Emergências e desastres; subjetividade; vulnerabilidades sociais.

ABSTRACT

Scientific production on the psychology of disasters has increased each year as successive extreme weather events have increased as a result of increased environmental degradation and social vulnerabilities. The theme is challenging for the study of Psychology marked by a “Modern Era”, that is, the “Age of Catastrophes” in which global conflicts, genocides, ethnic cleansing, climatic and technological disasters and cataclysms affect those who live *in loco* and to those who live in the social and environmental fabric (human and non-human) in general (Braga et al., 2018). Understanding the issues of vulnerability and resilience (Revet, 2011), memories and sharing of experiences as community processes produced in social relations over time, the present work aims to understand the emotional impacts suffered by residents of the city of Teresópolis who in January 2011 experienced the “Tragedy” and who at the time were children and adolescents (7 to 18 years old) and who are currently young people/adults aged between 18 and 30 years old. The Study Group on Psychology, Public Policies and Assistance (GRUPPA), held the conversation circle “Remembering so as not to forget”, as part of the ongoing research process entitled “Constitution of the subject in the face of the rain tragedy in Teresópolis: a study on Psychology in Emergencies and disasters” - PICPq 2022/2023. By promoting space for exchange, listening and experience reports about the 2011 tragedy in Teresópolis, it is noted that the topic still presents itself as a challenge for this field of research, as the process of reconstruction and construction of support for people and communities it still requires interventions and studies that can contribute to the health and well-being of those affected and the social fabric.

Keywords: psychology of Emergencies and disasters; subjectivity; social vulnerabilities.

1 INTRODUÇÃO

O curso de psicologia do UNIFESO tem o compromisso social de uma formação generalista que busca formar à (ao) psicóloga (o) para as demandas sociais e de cuidado com a saúde. Deste modo, a inserção em múltiplos territórios exige competências ligadas à reflexão e apropriação das questões do “outro pelo outro”.

Em consonância com tal princípio, o Grupo de Estudos em Psicologia, Políticas Públicas e Assistências – o GRUPPA - iniciou suas atividades em 2022, a partir das primeiras reflexões sobre o papel do psicólogo nos territórios, decorridas, no primeiro semestre de 2021, na disciplina Integração Ensino Trabalho e Cidadania – IETC I aplicado à Psicologia. Logo após um longo período de restrição social devido a pandemia de COVID 19 deu-se um crescente colapso da saúde mental e física em Teresópolis, motivando professores e alunos do curso de Psicologia do Unifeso, a constituírem um planejamento e ações para conhecerem e intervir na cidade.

O GRUPPA foi composto por pesquisadores e discentes do Unifeso na busca por se fazer presente como referência permanente diálogo entre a psicologia, territórios e subjetividades. Essa iniciativa da Psicologia da Emergência e desastres foi a primeira inserção do grupo de pesquisa na cidade de Teresópolis, desenvolvendo na busca ativa, nos encontros entre pesquisadores, ambientalistas e munícipes, a conscientização sobre os acidentes ambientais e sua repercussão ao longo prazo na vida.

Nos últimos 10 anos, o acontecimento que marcou a memória dos Teresopolitanos e de todo o Brasil foi sem dúvida a “tragédia” de 2011. Nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011, a região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, foi impactada por um desastre natural e ambiental que viria a ser o maior desastre da história até o momento em virtude de fortes chuvas em um mesmo local. As chuvas atingiram sete municípios da Região Serrana do estado, matou 918 pessoas, deixou 30 mil desalojados e, de acordo com o Ministério Público Estadual, ao menos, 99 vítimas seguem desaparecidas até hoje.

O Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) registrou em janeiro de 2011, 166 mm de chuva para a cidade de Nova Friburgo, o que representou mais de 70% do valor médio histórico para o mês de janeiro. O total de chuva em três horas chegou a 258,6 milímetros. Em 24 horas, foram 259,8 mm de chuva. Dentre os municípios afetados estão Nova Friburgo, Petrópolis, Teresópolis, Bom Jardim, São José do Vale do Rio Preto, Sumidouro e Areal, em uma área estimada de 2.300 km², onde vivem mais de 955.000 habitantes.

De acordo com a descrição de especialistas, as chuvas intensas da madrugada e com longa duração provocaram enchentes nos rios, formando ondas que arrastaram pedras e bairros inteiros. Os deslizamentos de terra das encostas atingiram tanto as áreas ocupadas quanto regiões de mata. A força das águas com as pedras, arrancaram árvores formando ondas de lama e entulhos, gerando uma intensa correnteza de destroços o que explica o tamanho da destruição.

Mais de mil homens de diferentes corporações civis e militares trabalharam por quase três meses em operações no pós-desastre. Servidores da Defesa Civil, prefeituras, governos estaduais e federal e a Força Nacional de Segurança Pública fizeram os resgates e a parte mais difícil: a identificação das vítimas fatais da tragédia. Com a dificuldade de acesso e comunicação da época, as informações demoravam para chegar e só após algum tempo, o Brasil e o mundo tomaram ciência da calamidade ambiental e humana que assolava a região serrana, especialmente Teresópolis.

Deste modo, Teresópolis entrou para sempre na triste estatística de fazer parte de um dos maiores desastres ambientais da história do Brasil, sendo a partir deste episódio, cenário de estudo para pesquisadores, especialistas e ambientalistas. Doze anos depois, os impactos do desastre na Região Serrana ainda são percebidos, especialmente ao chegar as chuvas de verão. A migração compulsória de muitos moradores dos bairros do Caleme, Campo Grande e Barra do Imbuí reconfigurou a geografia e as relações afetivas com o território. Um novo bairro foi criado para o acolhimento dos moradores das regiões, hoje inabitáveis, que foram assoladas pelas chuvas.

A Fazenda Ermitage, bairro residencial com 900 apartamentos foi desenvolvido para atender as necessidades de habitação da população, reduzindo o déficit habitacional, possibilitar a redução de famílias com alugel social, reassentar famílias vítimas de catástrofes naturais e garantir o acesso à moradia digna com padrões mínimos de sustentabilidade, segurança e habitabilidade (Brasil: Gov.br)

Com muita resistência e dificuldade na adaptação, os novos moradores passaram por muitas adversidades para reconstruírem suas vidas de forma social e relacional. Mutirões para a emissão de segunda via de documentos, recadastramento social, matrícula em creches e escolas, foram movimentos concretos e fundamentais para assegurar a cidadania dessas pessoas. No entanto, para as questões psicológicas, deveras tão importante quanto as questões concretas da existência não foram promovidas, provocando um grande silêncio coletivo na cidade sobre a “tragédia”. Em Teresópolis, nota-se poucas ações coletivas sobre a reflexão e a prevenção de novas “tragédias”. Em 2022, por exemplo, Petrópolis, cidade serrana vizinha, sofreu com chuvas e deslizamentos e instituiu um programa para preservação das encostas e construções ilegais, gerando conscientização e políticas públicas para a assistência e socorro das vítimas em desastres ambientais.

O objetivo do GRUPPA na sua primeira fase foi investigar os impactos emocionais sofridos por moradores da cidade de Teresópolis que em janeiro de 2011 vivenciaram a Tragédia e que à época eram crianças e adolescentes (07 a 18 anos) e que atualmente são jovens/adultos com idade entre 18 e 30 anos. Para atingir tal objetivo foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- Localizar os indivíduos atingidos pela tragédia da Região Serrana em janeiro de 2011, em Teresópolis, que na época eram crianças;
- Entrevistar estes indivíduos percebendo como eles lembram do ocorrido, como internalizaram e como constituíram a partir da experiência;
- Aprofundar os estudos sobre a forma de constituir-se sujeito frente ao trauma desvelando como a subjetividade influencia na internalização dos eventos traumáticos;
- Colaborar para a sistematização e compreensão de concepções da constituição do sujeito nas etapas de desenvolvimento piagetiano;
- Cooperar para futuras ações e políticas de atenção psicossocial em contextos de desastres;
- Afirmar a identidade do curso de psicologia do Unifeso como uma agente de formação e transformação social.

Para atingir tais objetivos o estudo bibliográfico relativo ao tema sustentou as ações e discussões do grupo. Observou-se nesse percurso que a produção científica sobre a psicologia dos desastres tem aumentado a cada ano à medida em que sucessivos eventos climáticos extremos têm se avolumado em decorrência do aumento da degradação ambiental e das vulnerabilidades sociais. O tema é desafiador para o estudo da Psicologia marcada por uma “Era Moderna”, ou seja, a “Era das Catástrofes” em que os conflitos globais, genocídios, limpezas étnicas, desastres climáticos, tecnológicos e cataclismos afetam aos que vivem *in loco* e aos que vivem no tecido social e ambiental (humanos e não humanos) em geral (Braga et al., 2018). Debates sociais sobre a relevância os sentidos e enfrentamentos desses acontecimentos pelos grupos que o experimentaram - como vítimas, espectadores (testemunhas) ou responsáveis - a memória das catástrofes e desastres também cresceram como estudo. Os desastres mobilizam discursos em que as causalidades indicadas moldam um quadro de sentido, pois tanto as pessoas quanto as políticas públicas e o acontecimento em si deixam “pistas” sobre o conjunto dos esforços empregados nas soluções, assim como nos modos encontrados na convivência cotidiana das perdas, traumas, dores e lembranças (Pinheiro, 2017).

Em continuidade à proposta inicial o GRUPPA iniciou estudo sobre o tema intitulado a “Constituição do sujeito frente à tragédia das chuvas em Teresópolis: um estudo sobre a Psicologia em Emergências e desastres” para compreender como os adultos, crianças à época da “tragédia”, vivenciam e percebem o acontecimento hoje. Para isso, teoricamente buscamos em Piaget os conceitos de constituição da identidade do sujeito, considerando as etapas do desenvolvimento humano, que por processos de internalização, adaptação e acomodação, compreendem de forma muito peculiar o objeto ou o evento (Piaget, 2013).

Para Piaget (1999), a criança começa a vida de forma intuitiva e sensorial. Ao passo que se desenvolve, inicia um processo progressivo de elaboração conceitual, ocorrendo a formação de uma estrutura completa, coordenada pelo pensamento racional, considerando sua idade e experiência de vida. Segundo o autor, no

último estágio do desenvolvimento (12 anos) denominado de operações formais, o sujeito é capaz de deduzir, solucionar e concatenar os acontecimentos, dando sentido à experiência vivida.

Portanto, viver e perceber um acontecimento aos dois anos de idade produz uma percepção única, infantil e limitada pela idade e capacidade intelectual. Sendo assim, viver ou elaborar este mesmo acontecimento após 10 ou 12 anos, faz com que o sujeito vislumbre o episódio de forma bem peculiar. Racional, considerando o coletivo, a repercussão pessoal e social. Integrando saberes e relações.

Nos dois anos iniciais do projeto, para investigar o impacto emocional da tragédia em sujeitos que vivenciaram a “tragédia” na infância e como este se refletiu no seu modo de existir e perceber o mundo, ampliamos o referencial teórico em acordo com as Referências Técnicas do Conselho Federal de Psicologia para Emergência e Desastres (CFP, 2016). Para imergir nas reflexões sobre o território afetado e suas múltiplas possibilidades de resistência e reconstrução entendemos como Escobar (2019, 2005) e Revet (2011) o território como uma continuidade dos modos de vida, do conhecimento daquilo que constitui os diferentes mundos que ali coexistem e se relacionam e ainda como co-produções entre as pessoas e o meio ambiente. A participação em Congressos Nacionais proporcionaram a ampliação e troca de conhecimento sobre a Psicologia dos Desastres (Orlando, 2018), estudos atuais sobre o tema e discussão sobre o Estado de Emergência Climática, em Ripple e Wolf (2020), elementos atualizados sobre o conceito de Desnaturalização dos desastres ambientais, em Oliveira, Portella e al. (2016), indicações sobre a Sociologia dos Desastres, em Norma Valencio (2010, 2011), estudos psicossociais e o sentido das catástrofes naturais, em Marta Pinheiro (2017), assim como sobre as injunções e contradições na gestão de desastres.

Pre vemos, conforme descrito nos objetivos, a identificação de uma população jovem Teresopolitana que na época da “tragédia da Região Serrana” tinham entre 07 e 18 anos. A pesquisa de caráter exploratório buscou compreender frente ao trauma a constituição do sujeito e sua influência da subjetividade. A partir da revisão bibliográfica sobre artigos, livros e teses sobre o tema busca-se rastrear e mapear como os indivíduos que na época tinham entre sete a dezoito anos de idade, hoje adultos, perceberam o fenômeno e internalizaram o evento traumático. Portanto, a presente pesquisa em andamento diferencia-se por buscar compreender, fundamentalmente, quais são as implicações que a vivência de um trauma, quando se está nas etapas operacional concreto e formal impactam a construção da subjetividade do sujeito. A proposta de pesquisa utiliza do método cartográfico (Kastrup, 2019) e escuta ativa, além da ampla revisão bibliográfica na tentativa de sistematização dos conceitos e publicações do Conselho Federal de Psicologia para a Psicologia das Emergências e Desastres. A modalidade de investigação por entrevistas individuais e coletivas, seja por meio de questionários, ou entrevistas não diretas compõem as ferramentas metodológicas utilizadas.

A. RODAS DE CONVERSA

Inicialmente foram realizadas rodas de conversa para a promoção de diálogo e relatos de experiências sobre o dia 11 de janeiro de 2011 em Teresópolis. As rodas de conversa mostram a abrangência das redes sociais, sua importância como multiplicadora de informações e de ferramenta para viabilizar encontros e discussões.

No dia 02 de junho de 2023, no UNIFESO houve a realização da segunda roda de conversa, intitulada “Lembrar para não esquecer”. A sensibilização do encontro se deu com a exibição do documentário em curta metragem “De Repente” (2011) que mostra o retorno de uma pessoa atingida à sua casa para a retirada de seus pertences pouco tempo depois do desastre. Após a exibição do filme sucedeu o relato de experiência do Major do Corpo de Bombeiros de Teresópolis, Fábio Pimentel, coordenador dos trabalhos de resgate durante a “tragédia”. Ao final, a assistente foi convidada a relatar sobre suas vivências e lembranças dos enfrentamentos sociais e pessoais diante da “tragédia”. Nesse encontro foram sugeridos novos contatos para os registros das narrativas. Também foram compartilhadas lembranças de episódios marcantes com crianças e familiares.

A abordagem temática pela Análise de Conteúdo (Minayo, 2004) contribuiu para a sistematização inicial das informações, o que permite a percepção dos principais núcleos de sentido emergentes na pesquisa. As categorias elaboradas a posteriori, após a análise dos dados, para discriminar e sistematizar os diferentes discursos e suas concepções. A identificação destes núcleos leva em conta as regularidades do discurso e os sentidos frequentes e ímpares presentes nas falas. Posteriormente, os dados sistematizados em categorias temáticas consideram os objetivos do projeto em associação aos núcleos de sentido que emergem no campo.

Das rodas de conversa emergiram os seguintes temas nucleares: sentimento de tristeza, angústia e impotência, medo. Foi realizada uma enquete para formação de nuvem de palavras em que a colaboração, o respeito à natureza e resiliência sobressaíram como principais percepções daquele momento.

Outro tema emergente foi a necessidade de ações coordenadas entre as redes intersetoriais desde a tragédia e a ausência quase total de atendimento psicológico aos atingidos.

B. DIVULGAÇÃO DO TEMA E CRIAÇÃO DE PÁGINA NO APLICATIVO *INSTAGRAM* EM JULHO DE 2022

No segundo semestre de 2022, criando uma rede social no Instagram® denominada @gruppa_unifeso, com vistas a divulgação da identidade visual e objetivos do grupo de pesquisa, resultando em busca ativa do público-alvo da primeira etapa da pesquisa. A partir das divulgações em *cards* instrucionais, o GRUPPA instrui sobre as normativas e ações previstas nas referências técnicas do CFP para alerta e psicoeducação para a população em geral. As redes sociais têm um grande alcance e encurtam as distâncias geográficas.

Em outubro de 2022, em parceria com o Salve Teresópolis, grupo extensionista de alunos do curso de Medicina – Unifeso, houve a divulgação e participação da I Jornada Salve Teresópolis – Medicina das Catástrofes. Realizado em dois dias no Sesc Alpina em Teresópolis.

O GRUPPA divulgou as ações nas turmas do curso de Psicologia, Enfermagem e Biomedicina, esperando que de forma voluntária e esclarecida, o grupo de pesquisa seja reconhecido como um agente de conhecimento e ações para intervenção no campo do saber psicológico em emergências e desastres.

Além disso, foram cadastradas 17 pessoas por via digital, através do formulário do *google forms*. Às informações comuns como nome, idade, contato etc, incluímos as seguintes perguntas:

- a. Em qual lugar você estava no dia da tragédia climática do dia 11 e 12 de janeiro de 2011?
- b. Alguma informação que considere relevante?
- c. E como você ficou sabendo do GRUPPA?

Do total de respostas sobre o item “Em qual lugar você estava no dia da tragédia climática do dia 11 e 12 de janeiro de 2011?”, onze pessoas estavam em casa no momento do desastre, quatro pessoas estavam em viagem ou fora da cidade, uma na casa do pai e outra em uma locação que dava para ver o local atingido.

Sobre o item “Alguma informação que considere relevante?”, nove pessoas completaram a lacuna com informações sobre o bairro afetado, as perdas familiares e as perdas materiais.

Sobre o item “E como você ficou sabendo do GRUPPA”, oito pessoas disseram que por via do *WhatsApp*, cinco por via do *Instagram*, uma pessoa soube pelo rádio e duas foram indicadas a entrar em contato com o GRUPPA.

Todas as atividades, pensadas e realizadas em coletivo fomentaram as ações da Psicologia e emergência e desastres, potencializando a ação do GRUPPA como agente de acolhimento e intervenção em situações de crise. Vide o exemplo, o episódio da fumaça tóxica decorrente do incêndio no lixão no bairro da Prata em Teresópolis. Em menos de 12 horas, um grupo de estudantes e psicólogos foi composto a fim de prestar assistência às vítimas e familiares.

Em junho de 2023, com o incêndio ocorrido no lixão na Prata em Teresópolis, um grupo de alunos do curso de psicologia e supervisores foram convocados para o atendimento online de moradores da região que acometidos pela fumaça tóxica, ficaram sem poder sair de suas casas, vivenciando um risco potencial à saúde e vida cotidiana.

O GRUPPA divulgou os atendimentos no Serviço de Psicologia Aplicada – SPA do Unifeso, esclarecendo a população sobre os efeitos nocivos da fumaça, ações de proteção e acolhimento e suporte psicológico às vítimas. Deste modo, intenciona-se ampliar os conhecimentos sobre o enfrentamento de situações aversivas diante de desastres naturais construindo ferramentas socioemocionais para ressignificar as vivências após o evento.

C. REUNIÃO DE DADOS

No segundo semestre de 2023 houve a recolha de dados de pessoas que tinham até 18 anos em 2011, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a forma de constituir-se sujeito frente ao trauma, desvelando como a subjetividade influencia na internalização dos eventos traumáticos. Buscou-se nesse processo colaborar para a sistematização e compreensão de concepções da constituição do sujeito e as reverberações do trauma em sua constituição subjetiva.

Um total de 13 pessoas responderam ao formulário. Dentre elas 15% tinham 7 anos em 2011 e 76,9 tinham entre 16 e 18 anos. Os demais respondentes tinham à época entre 8 e 15 anos. Desse total 23,1% moravam no bairro do Meudon, e 15% no bairro da Tijuca. Os demais habitavam Campo Grande, Santa Rita, Caleme, Três Córregos, Albuquerque e Agriões.

Cinco pessoas que responderam aos formulários tiveram seus bairros diretamente atingidos e quatro delas suas casas foram danificadas. Desse total cinco pessoas tiveram que mudar de bairro. Houve perdas familiares em três dos casos estudados.

O sentimento mais forte que emerge ao lembra desse dia é a tristeza e a angústia. Dos registros os temas que remetem às lembranças mais fortes são: da intensidade da chuva, o apagão, o cheiro forte de terra no ar, o último suspiro de um irmão falecido, das pessoas pedindo socorro e desaparecendo água abaixo, da água entrando nas casas, dos atendimentos no Ginásio do Pedrão o despreparo das equipes diante de um desastre desta dimensão, da destruição e das mortes, das notícias que circulavam, da confusão e do medo generalizados.

Perguntados sobre os desdobramentos ou dificuldades pessoais após o episódio de 2011 os principais temas discutidos foram sobre bloqueios pessoais e dificuldade de retornar à rotina, sensação de impotência, sentimento de angústia sempre que começa a chover, constante tristeza desde o ocorrido, ansiedade e preocupação sempre que chove, insegurança.

Sobre a percepção de algum desdobramento ou dificuldade no desempenho escolar após a tragédia oito pessoas responderam, dentre elas quatro confirmaram a percepção de dificuldade escolar após o desastre. Quatro delas procuraram ajuda especializada.

As consequências mais marcantes que essa tragédia deixou em suas vidas foram diversas e descritas em seguida:

- Medo, por toda vez que chove nessa época do ano acontecer novamente
- Respeito aos sinais da natureza
- A falta dos meus irmãos
- Foi começar do zero sem nada, parecia que toda a minha vida tinha ido embora eu tinha que ter força para recomeçar.
- A natureza vem buscar o que é dela, após essa tragédia isso ficou bem-marcado.
- Medo, angústia, ansiedade
- Medo de chuva e trovões
- Uma enorme sensação de medo quando começa a chover.

- Nenhuma
- As perdas humanas, família e amigos, isso fica marcado pra sempre, todas as épocas de chuvas vão ser assim, o pânico e a desolação tomam conta de todos que em algum lugar em 11 de janeiro de 2011, por volta de 23:30, vivem nesses locais: Campo Grande, Poço dos Peixes, Bom Sucesso, Vieira, Santa Rita, Cruzeiro, Caleme, e Muitos Outros Dessa Região Serrana.
- Adotamos um cachorro resgatado na tragédia, lembro de ir no abrigo e ver a condição dos animais lá. Isso me afeta ainda hoje
- Que precisamos viver com alegria pois do nada, tudo muda
- Das pessoas e familiares que perderam tudo, até a vida.

D. APRESENTAÇÕES EM CONGRESSOS

- 15ª Mostra do Conhecimento em Práticas em Psicologia do Conselho Regional de Psicologia que aconteceu no Rio de Janeiro.
- Jornada Salve Teresópolis – Medicina das Catástrofes (2022)
- VII CONFESO 2022
- 6ª Congresso Brasileiro de Psicologia: ciência e profissão, organizado pelo Conselho Federal de Psicologia - novembro de 2022 no Memorial da América Latina, cidade de São Paulo.
- VIII CONFESO 2023
- XXII Encontro Nacional da ABRAPSO. Tema «A ‘queda do céu’: implicações da Psicologia Social» em novembro de 2023, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ.

Tais eventos e participações acadêmicas proporcionaram a ampliação e troca de conhecimento sobre a Psicologia dos Desastres), estudos atuais sobre o tema e discussão sobre o Estado de Emergência Climática, elementos atualizados sobre o conceito de Desnaturalização dos desastres ambientais, indicações sobre a Sociologia dos Desastres.

E. VISITAS

Visita ao CAPSI de Teresópolis, em 23 de agosto de 2023, com o objetivo de entender e levantar dados de como e se ocorreu demandas de atendimento à crianças e adolescentes que sobreviveram a tragédia.

No dia 23 de agosto, uma quarta-feira fria mas com sol, a visita no CAPSI de Teresópolis com o intuito de entender e levantar dados de como e se ocorreu demandas de atendimento à crianças e adolescentes que sobreviveram à tragédia.

A equipe é formada por duas psicólogas, uma enfermeira e uma assistente social. Apresentamos o projeto de pesquisa do GRUPPA/UNIFESO. A psicóloga Aparecida Bocard foi atuante na linha de frente no ocorrido em 2011. Ela pontuou que na época os atendimentos psicossociais eram realizados pelo CREA e pelas unidades de saúde. Naquele momento o CAPSI e o CAPS ainda não tinham sido implementados na cidade.

As principais demandas, imediatamente após a desastre, era a realização de cadastros dos sobreviventes, levantamento de informações sobre os desaparecidos e o apoio ao reconhecimento dos corpos que não sobreviveram.

Ela relatou ainda que as crianças apresentavam ansiedade e medo crônico, como o medo de ficar em casa e acontecer novamente, ou de sair, medo da chuva, do barulho e do ato de tomar banho, já que ficar “submerso” no chuveiro remetia à lembranças do dia.

Suas lembranças remetem ao caos social, pois por ser um evento de grande proporção, impacto e inesperado as estruturas montadas eram precárias, tanto para o atendimento e cuidado necessário, assim como as

pessoas contratadas, envolvidas e as próprias autoridades não tinham um plano de contingência e muito menos uma preparação correta para lidar com tal situação.

Segundo ela, até hoje crianças e adolescentes atendidas no CAPSI recordam e lidam com tal trauma vivenciado no ano de 2011.

F. ENTREVISTA NARRATIVA POR WHATSAPP

Assistente Social da Prefeitura de Teresópolis, Carolina Lisardo atuou no ano da tragédia e discutiu sobre as seguintes questões:

- *Quais foram as medidas tomadas pela prefeitura?*
- *E como foi para você como A.S que deram certo?*
- *As pessoas tiveram acompanhamento?*
- *Foi criado algum protocolo para Tragédias depois do ocorrido na cidade?*

De acordo com a Assistente Social as famílias atingidas foram conduzidas por viaturas para o Ginásio Pedrão, pois como as estradas e toda a cidade se encontrava inundada, foi um local que viram como seguro e com uma estrutura de grande porte. Tendas foram montadas para atendimentos e divididas pela Defesa Civil, Saúde, Justiça e Desenvolvimento Social para a realização de coleta de dados (nº de pessoas que viviam na casa/ se algum documento foi salvo) e depois disso encaminhavam a coleta para a Justiça.

Como foi um evento inesperado, a estrutura improvisada era precária, então os atendimentos começaram a ficar mais corridos, além de não haver material necessário e correto para os atendimentos, e nem a preocupação com a saúde mental, física e econômica dos convocados para o trabalho em campo.

Os CRAS após o ocorrido passaram a acompanhar as famílias que perderam tudo, principalmente, para inseri-las no aluguel social.

Depois do ocorrido houve a preocupação de criar um protocolo e um plano de contingência foi feito, sendo todo ano revisado, o único problema é que o plano realizado tem um protocolo para a Defesa Civil, um para o Desenvolvimento Social, um para a Saúde, mas tais informações não são unificadas e não visam um trabalho intersetorial entre as equipes. Então caso ocorra algo parecido ou igual ao de 2011 cada setor seguirá seu protocolo para a ação.

A perspectiva de compreender o território como lugar do sentimento e de pertencimento engendrados na construção da identidade articulados historicamente, espacialmente e subjetivamente, a inserção no campo de pesquisa, aponta para significativos dados observados, a partir da interpretação e articulação com a literatura da área. Os conteúdos obtidos foram analisados de forma qualitativa de modo a atender os objetivos propostos. As análises realizadas ampliam o olhar sobre as subjetividades das pessoas envolvidas por meio das vivências narradas na roda de conversa “Lembrar para não esquecer” e nos primeiros contatos com as pessoas que viveram tal episódio. Desse modo parece possível vir a mostrar possíveis caminhos para o projeto, em especial, no que diz respeito ao incentivo e cooperação para futuras ações e políticas de atenção psicossocial em contextos de desastres. Além disso, com a publicação desses resultados espera-se incentivar a investigação do tema, salientando a importância acadêmica e social da pesquisa dentro do contexto da Psicologia das Emergências e Desastres.

Como resultados da pesquisa, buscamos cartografar a forma de constituir-se sujeito e internalizar a tragédia vivida dos moradores, das áreas atingidas em janeiro de 2011, em Teresópolis, que na época tinham entre sete e dezoito anos. Os relatos demonstram a necessidade da atuação do profissional da psicologia tanto na atenção aos atingidos que ainda atravessam por sofrimentos e traumas, como na atuação do GRUPPA na busca de colaboração na elaboração de um plano de contingência em que as interseções entre os setores de atendimento possam vir a ser sistematizados.

Nos Congressos, desde nossa presença na 15ª Mostra do Conhecimento em Práticas em Psicologia do Conselho Regional de Psicologia que aconteceu no Rio de Janeiro, em julho de 2022 houve a integração em uma sala temática sobre a psicologia da emergência e desastres. Tal integração oportunizou conhecer outras práticas desenvolvidas nas regiões vizinhas, como Petrópolis e Nova Friburgo. O GRUPPA foi o único trabalho representante do território de Teresópolis. Estavam presentes membros da Comissão Especial de Emergências e Desastres – CPED, do CRP RJ, professores da Universidade Católica de Petrópolis - UCP, pesquisadores da FIOCRUZ, entre outros profissionais expoentes dentro dessa temática.

Na Jornada Salve Teresópolis – Medicina das Catástrofes (2022) foram apresentados por seus palestrantes, os maiores desastres ambientais e acidentes com vítimas no Brasil e no mundo. Contando com especialistas, médicos e bombeiros intensivistas, o Salve apresentou as dificuldades de ação e especialmente de formação na área de desastres no Brasil. Considerou que após a “tragédia” de 2011 em Teresópolis, poucas ações foram efetivamente aplicadas e que eventos como este, podem ser previstos e minimizados com alta tecnologia e investimento.

Na 15ª Mostra do CRP, no 6º Congresso Brasileiro de Psicologia em São Paulo, no VII CONFESO e na I Roda de Conversa sobre Psicologia das emergências e desastres no Unifeso, todos os eventos realizados em 2022. Em todas as oportunidades, foram divulgados o Instagram e o link do formulário de adesão da pesquisa no *google forms*.

No 6ª Congresso Brasileiro de Psicologia: ciência e profissão, organizado pelo Conselho Federal de Psicologia e realizado em novembro de 2022 no Memorial da América Latina, cidade de São Paulo. Essa participação se mostrou de extrema relevância, pois possibilitou articulações teórico-metodológicas intraprofissionais com participantes de todo o Brasil. As trocas ampliaram a divulgação do projeto de pesquisa do UNIFESO, bem como contribuíram para a relevância na produção científica da Psicologia sobre essa temática.

O conjunto dessas atividades estimulou e ampliou o grupo. Sobretudo foram cadastradas 17 pessoas por via digital, através do formulário do *google forms*.

Do total de respostas sobre o item “Em qual lugar você estava no dia da tragédia climática do dia 11 e 12 de janeiro de 2011?”, onze pessoas estavam em casa no momento do desastre, quatro pessoas estavam em viagem ou fora da cidade, uma na casa do pai e outra em uma locação que dava para ver o local atingido.

Sobre o item “Alguma informação que considere relevante?”, nove pessoas completaram a lacuna com informações sobre o bairro afetado, as perdas familiares e as perdas materiais.

Sobre o item “E como você ficou sabendo do GRUPPA”, oito pessoas disseram que por via do *WhatsApp*, cinco por via do *Instagram*, uma pessoa soube pelo rádio e duas foram indicadas a entrar em contato com o GRUPPA.

A roda de conversa presencial com essas pessoas não foi possível realizar devido a incompatibilidade de datas e horários. No entanto, os resultados mostram a abrangência das redes sociais, sua importância como multiplicadora de informações e de ferramenta para viabilizar discussões, informações e divulgação de ações.

As ações do GRUPPA avançaram. No dia 02 de junho de 2023, no UNIFESO houve a realização da roda de conversa intitulada “Lembrar para não esquecer”. A sensibilização do encontro se deu com a exibição do documentário em curta metragem “De Repente” (2011) que mostra o retorno de uma pessoa atingida à sua casa para a retirada de seus pertences, pouco tempo depois do desastre. Após a exibição do filme sucedeu o relato de experiência do Major do Corpo de Bombeiros de Teresópolis, Fabio Pimentel, coordenador dos trabalhos de resgate durante a “tragédia”. Ao final, a assistência foi convidada a relatar sobre suas vivências e lembranças dos enfrentamentos sociais e pessoais diante da “tragédia”. Nesse encontro foram sugeridos novos contatos para os registros das narrativas. Também foram compartilhadas lembranças de episódios marcantes com crianças e familiares.

A presente investigação buscou aprofundar os estudos sobre a forma de constituir-se sujeito frente ao trauma, desvelando como a subjetividade influencia na internalização dos eventos traumáticos. Nesse processo a compreensão de concepções da constituição do sujeito nas etapas de desenvolvimento operacional concreto

e formal não foram alcançadas pela constatação da falta de documentos e acompanhamento das acrianças atingidas. Mesmo no CAPSI o registro e acompanhamento dos jovens que vivenciaram aquele evento ainda não está sistematizado e nem digitalizado. Todas as fichas são analógicas e sob responsabilidade de apenas uma profissional. Esperamos cooperar para as futuras ações e políticas de atenção psicossocial em contextos de desastres na promoção da cidadania nas comunidades locais.

A partir das ações desenvolvidas contribuimos com o fortalecimento da identidade do curso de psicologia do Unifeso e com o compromisso social de uma formação adequada que garante o equilíbrio entre a excelência técnica e a relevância social. Somado a isso foi realizado o cadastramento de pessoas atingidas de acordo com o recorte do trabalho por meio das ações e divulgação das atividades do GRUPPA, contribuindo para a afirmação da identidade do curso de psicologia do Unifeso como um agente de formação e transformação social.

Apurou-se que a) o sofrimento psicossocial se faz latente nos atingidos, b) a percepção de que ações, atendimentos colaboração e ações psicossociais são ferramentas com campo de execução em desenvolvimento, entendendo que a ação coletiva comunitária, através de redes de apoio, pode ser uma ferramenta para o acolhimento das dores pessoais e geração de soluções coletivas. c) estratégias como a circulação de informações relevantes, geração de conhecimento comunitário e intersetorial são necessidades perenes em todo o processo desde a prevenção à recuperação pessoal, coletiva e material. Os desastres mobilizam discursos em que as causalidades indicadas moldam um quadro de sentido, pois tanto as pessoas quanto as políticas públicas e o acontecimento em si deixam “pistas” sobre o conjunto dos esforços empregados nas soluções, assim como nos modos encontrados na convivência cotidiana das perdas, traumas, dores e lembranças (Pinheiro, 2017).

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que um desastre ou uma emergência não tem dia e tampouco hora para acontecer, mas, pode ser combatida com celeridade e profissionalismo, o GRUPPA propõe um coletivo de psicólogos para atuarem em situações de calamidade. O tempo de resposta em situações emergenciais é um fator decisivo para diminuir o impacto emocional e até mesmo físico dos sujeitos envolvidos.

Atualmente está em processo a triagem das fichas recebidas, considerando a idade e a localização, para encontros pontuais com os atingidos em roda de conversa. Para os encontros, propomos uma escuta ativa sem interferência, considerando que o evento gatilhador o tema “a tragédia”. Os encontros podem ser presenciais ou virtuais, conforme disponibilidade do grupo e organização dos pesquisadores.

No percurso realizado é possível considerar a necessidade premente da escuta do psicólogo e interação para compor uma cartografia social dos atingidos, aprofundar os estudos sobre a forma de constituir-se sujeito frente ao trauma e colaborar para a sistematização e compreensão de concepções da constituição do sujeito nas etapas de desenvolvimento *piagetiano* de modo a cooperar para futuras ações e políticas de atenção psicossocial em contextos de desastres e na promoção da cidadania na comunidade local.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE Repente. Direção de Regina Carmela e Leo Bittencourt. Teresópolis, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. *Nota técnica sobre atuação de psicólogo em emergência*. Conselho Federal de Psicologia: Brasília, 2016. Disponível:NOTA-TÉCNICA-SOBRE-ATUAÇÃO-DE-PSICÓLOGA-O-EM-EMERGÊNCIAS-E-DESASTRES.pdf. (cfp.org.br). Acesso em 21 de julho de 2023.

ESCOBAR, Arturo. Território, Ancestralidade, Cosmovisão e Vida. In: *Pluriverso: Un diccionario del pos desarrollo*. KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; DEMARIA, Federico; ESCOBAR, Arturo; ACOSTA, Alberto; (Coords). Barcelona: Icaria Editorial, 2019.

_____, Arturo. Pluriversal politics : the real and the possible. Duke University Press, 2020. Psic. da Ed., São Paulo, 43, 2º sem. de 2016, pp. 101-104

KASTRUP, Virgínia. A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. *Rev. Polis e Psique*; 20 ANOS DO PPGPSI/UFRGS, 2019.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 8ºed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 3º ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964.

PINHEIRO, Marta de Araújo. *O sentido das catástrofes naturais na mídia: da prevenção à adaptação*. Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”, 10(2), 39-55. 2017.

PULASKI, Mary Ann Spencer. *Compreendendo Piaget*. Rio de Janeiro: LTC, 1980.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. *Psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.

RENET, Sandrine. Injonctions contradictoires. *La gestion internationale des catastrophes naturelles: entre vulnérabilité et résilience*. Ecole Normale Supérieure Ulm, fev. 2011. Disponível em <http://www.geographie.ens.fr/Compte-rendus-de-seances-2010-2011.html>.